

**E LÁ NO  
FUNDO,  
O QUE É  
QUE TEM?**

**Guilherme Ferreira**

# Virar o pescoço

por **Guilherme Ferreira**

Estava pensando no gesto de passar por uma árvore em uma rua da cidade, reparar em um tronco de árvore mofado e torcer o pescoço para olhar o tronco com mais atenção. Continuo andando mas não é a primeira vez que reparo nisso. Uma amiga, certa vez, comentou sobre o seu próprio trabalho artístico. Que, em geral, a enquadraram como uma artista que tematiza as velhas categorias estéticas do feio, do bizarro, do grotesco. Ela não concorda com o julgamento. Também não concordo. Ela usa próteses bióticas e abióticas: cria roupas feitas de látex, flores, vaselina, e plantas, para performar sua condição de um corpo dissidente de gênero que se identifica mais com os seres extrahumanos do que humanos. Acho bonito. Mais do que uma questão de juízo, é uma questão de ponto de vista. É uma mudança perceptiva que forma um campo científico hoje chamado de virada ontológica – e mais recentemente de virada geológica. Gosto de reparar em superfícies metálicas, cintilantes, e enferrujadas. Como a de um carro abandonado em um estacionamento no centro. Me faz pensar na possibilidade de um mundo pós carros. Pós extrativista. O que significa prestar atenção aos processos de decomposição das matérias?, Virar o pescoço a uma comunidade de seres simbióticos como o líquen? É como um jogo. Se você repara a primeira vez, a coisa repara de volta, e aquilo se torna uma relação de reciprocidade em que cada um se torna responsável pelo outro. Repetidamente. Se, por algum motivo, o jogo acaba, é porque uma das partes parou de cultivar o encanto. E os seres vão participar de outros jogos, reparar em outras coisas. Viro os olhos e talvez esteja morto. Um arranjo profundo deu sinais de desestabilização – O sol está cada vez mais forte, você diz, protegendo os olhos com a palma da mão. Embarcamos finalmente em direção a uma outra ilha.